



CORPOPOESIA SAPATÃO COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO AFETIVO-ESTÉTICO-POLÍTICO

Eixo Temático 05 – Corpo lésbico sapatão: por uma política de vida?!

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)¹
Zuleide Paiva da Silva²

RESUMO

Entre versos que cortam, molham e gozam em escrita poéticaerótica entrelaça corpos sapatão feministas para refletir como a obra “Corpopoesia: uma epistemologia poéticaerótica sapatão?” (Liz Mendes, 2025) atua como dispositivo pedagógico afetivo-estético-político. Ancorada na autoficção (Doubrovsky, 2014), e enlaçada a Audre Lorde (2019), Monique Wittig (2022), Adrienne Rich (2019) e Gloria Anzaldúa (2021), a obra tensiona normatividades e reivindica o erótico como saber e resistência. Território de insurgência entre universidade e movimentos sociais, “Corpopoesia” convoca um ensinoaprendizagem que valoriza e reconhece as subjetividades insurgentes, assim como instiga pedagogias que afirmam as subjetividades sapatão ampliando possibilidades na formação docente, na arte e na educação.

Palavras-chave: Dispositivo pedagógico, Corpo, Sapatão, Poéticaerótica, Epistemologias Feministas.

GOZAR O COMEÇO DA TRAVESSIA: corpopoesia que geme e escreve

Entre versos e imagens que cortam, denunciam, molham e gozam, entregamos aqui uma escrita poéticaerótica do meu corpo poeta sapatão feminista enlaçado ao corpo lésbico

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade Estado da Bahia (UNEB), *Campus XIV*. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Bahia (LBL), marializandra1626@gmail.com;

² Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB/CAMPUS XIV) e ativista da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), eidepaivasilva@gmail.com



sapatão feminista da minha orientadora-coautora, para refletir como a obra autoral “Corpopoesia: uma epistemologia poéticaerótica sapatão?”, (Liz Mendes, 2025) pode ser utilizada como um dispositivo pedagógico afetivo-estético-político no campo da educação e diversidade.

Escrevemos com o corpo, porque o corpo nos escreve, experiencia e move primeiro – em cicatrizes, gozos, silêncios, urgências, desejos, sobrevivências e insurgências. Nossos corpos gritam, sussurram, desobedecem e reinventam linguagens, modos outros de pensar-fazer a ciência, docência e educação. Corpopoesia, então, é ferida aberta transbordada em um dispositivo de formação afetivo-estético-político? Ao colocarmos esta obra em conversa com o campo da educação e diversidade, a partir dos enlaçamentos com os movimentos sociais, buscamos tensionar os limites do que se entende por ensino-aprendizagem. Aqui, o saber escorre entre pernas, pulsa nos poros e se insinua nas entrelinhas de uma pedagogia que desobedece, provoca, afeta, luta e subverte.

Nessa perspectiva, este trabalho surge da urgência de pensar uma educação que se permita pulsar, gozar, desejar, suar e criar. Questionamos: pode o corpo ser teoria-prática? Pode o desejo ensinar-aprender? Pode a linguagem literária que molha, corta e denuncia também formar, transformar e criar mundos possíveis? Justificamos este trabalho como uma aposta em epistemologia sapatão feminista que transbordam o cânone, que afirmam a potência da poéticaerótica como método, resistência e invenção. A obra Corpopoesia se oferece como território de travessia entre universidade e movimentos sociais, como uma prática de ensinoaprendizagem que desloca, incomoda, afeta. Aqui, o desejo é a trilha da fronteira, da margem; a estética como política; a poéticaerótica como linguagem de quem nunca coube nos moldes da normalidade. Trata-se de afirmar que a educação também pode (e deve) sentir, molhar, insurgir, inquietar e criar.

ENTRE LÍNGUAS E INSUBMISSÃO: caminhos sapatão de invenção

Escrever-se é, antes de tudo, despir-se. É molhar a palavra com saliva, suor e memória. Neste trabalho, a escrita pulsa em um corpo que se reinventa a cada toque da linguagem, a cada fragmento refletido no espelho estilhaçado da existência. Caminhamos pelas trilhas indomadas da autoficção — esse território sensível, erótico e insurgente onde o real e o imaginário se enlaçam em dança febril, tal qual corpos que se desejam, se reconhecem



e se estranham. É nessa zona de fricção que a obra *Corpopoesia* se ergue, não como objeto, mas como corpo — corpo que goteja, treme, grita, goza saberes.

Ancorada na proposição de Serge Doubrovsky (2014), a autoficção aqui não é apenas método, é travessia indisciplinada, é a radicalização dos impossíveis. Ela celebra uma ciência menor, entre devaneios e confabulações, onde personagens lambem a narradora, onde a narradora escorrega em si mesma. Não buscamos linearidade, buscamos vertigem. A escrita se projeta, se distorce, se inventa — um entrelaçamento de histórias, de memórias reinventadas, de epistemes penetradas pelo desejo de ser, devir, desobedecer.

Nesse espelho quebrado, onde nada é completamente visível e tudo vibra em potência, entregamo-nos a Audre Lorde (2019), na reivindicação do erótico como fonte de poder, vida e produção de saberes; a Monique Wittig (2022), no questionamento das categorias de gênero e sexualidade; a Adrienne Rich (2019), na crítica a heterossexualidade compulsória; e a Gloria Anzaldúa (2021), nas epistemologias de meio e resistência sapatão, por meio da linguagem literária. Os caminhos teórico-metodológicos aqui não se explicam, se sente. Se perfaz em tropeços, se compõe em melodias que escorrem dos corpospalavras.

Escrever, então, é um ato de fricção: entre o que fomos, o que poderíamos ter sido e o que nos atravessa quando ousamos ser (Sousa; Silva, 2024). Cada autoficção é uma coreografia desordenada, um salto no abismo do possível. Não nos interessa provar verdades, mas criar outras realidades. No campo da educação e diversidade, essa escrita tensiona os limites do que se ensina e do que se sente. Gozar, aqui, é também um verbo epistemológico.

DESEJOS E MOVIMENTOS: quando o saber escorre das fronteiras

Corpopoesia é suor e sopro. É grito e gemido. Fruto de enlaçamentos afetivo-políticos entre universidade e movimentos sociais, esta obra não se contenta em apenas dizer, ela deseja, ela fere, ela subverte. Em seus caminhos insurgente, os corpos sapatão se inscrevem como presença incontornável na literatura, na educação e na política. É corpopalavra que se deita sobre as páginas, que se levanta nos corredores escolares, que escorre nos debates acadêmicos, reivindicando visibilidade não como concessão, mas como provocação e existência inegociável. Assim, *Corpopoesia* se caracteriza como dispositivo potente para a formação política e acadêmica, ampliando o repertório sobre epistemologias sapatão e as implicações entre arte, ciência e resistência.



Como território de insurgência, onde os corpos sapatão se fazem presentes nos diferentes espaçotempos sociais e formativos, a obra discute a visibilidade sapatão, as pedagogias feministas decoloniais, bem como a necessidade de práticas educacionais que potencializam a diversidade de corpos e desejos. Pensamos, então, a potencialidade do livro enquanto um dispositivo pedagógico afetivo-estético-político por intermédio de cinco (5) suspiros, quais sejam: 1) corpo que fala; 2) afeto que subverte; 3) estética da teimosia; 4) política do existir; e 5) ensinar-aprender como organização coletiva.

O primeiro suspiro – corpo que fala –, sentimos com a pele arrepiada que cada palavra escorrida na obra é o pulsar do corpo sapatão em presença, em linguagem e em diferentes espaçotempos sociais e formativos. Ele se oferece gesto que ensina: ensina que o desejo é epistemologia, que a poéticaerótica é fonte-dispositivo de saber, que as feridas são livros abertos, que as experiências transbordam as entrelinhas de quem ousa ver-sentir para ensinar-aprender. É corpo que fala, é o mesmo que escreve para continuar existindo e assim questionamos: como começar a ensinar-aprender com o corpo poeta sapatão?

Nesse sentido, e ao lado de Audre Lorde (2019), compreendemos que Corpopoesia bebe do erótico como fonte de saber e resistência. Afinal, aqui o prazer é político e o desejo é dispositivo pedagógico insubmisso. Entre corpos e textos que a epistemologia se reinventa. Aprender sentindo – sentindo profundamente – e, a partir daí, criar outras possibilidades a partir das experiências.

O segundo passo – afeto que subverte –, entendemos que a obra rasga o silêncio e cria mundos possíveis. É acreditando na força-potência dos afetos que Corpopoesia se amostra como um tecido pedagógico insurgente, onde o vínculo é a base das relações. Assim, os saberes surgem entre os gestos, entre as linhas, entre as brechas das portas, entre as pernas, entre os desejos. Saberes construídos nas trocas, compartilhamentos, intimidades e riscos da exposição. Ousamos, mais uma vez, continuar perguntando: o que pode um afeto?

Com Gloria Anzaldúa (2021) caminhamos nas bordas, nas fronteiras, nas margens, nos entre-lugares. Vamos misturando línguas, gêneros, memórias, feridas, artes e desejos. Assim, sentimos a obra na sua intensidade de uma escrita poéticaerótica sapatão que se revela como epistemologia que desafia os centros, que perturba os saberes fixos, que afirma a linguagem como território de resistência e invenção. Corpopoesia é travessia, é fronteira viva, é escrita que pulsa entre os mundos.



O terceiro suspiro – estética da teimosia –, percebemos Corpopoesia pelas imagens que penetram-chupam, tudo ao mesmo tempo, pelas palavras que molham, pelos fragmentos corporais, como escolhas políticas e insubmissas. A forma como o livro é estruturado demonstra as rasuras no formato acadêmico. A estética, dessa forma, é um encontro com o político a partir da teimosia. Afinal, como uma escrita que goza e denuncia, ela também pode dançar e desestabilizar. Um ato erótico de revolta-coragem. Perguntamos: E se o que chamamos de belo não fosse apenas contemplação, mas combate, insurgência e criação?

Isto, nos faz lembrar de Monique Wittig (2022) quando a mesma nos convoca a desobedecer às categorias fixas. E é nesse gesto de desobediência as padronizações que Corpopoesia se desnuda como recusa à normatividade – gênero, ciência, educação: tudo é corpopalavra em disputa. Assim, a linguagem, a epistemologia, a poética e a escrita sapatão aqui desencaixa, arranha, desmonta, perturba e inventa. Com isso, a educação que brota dessas páginas é molhada, feroz, teimosa, corajosa, criativa e suada. Por isso tudo, profundamente viva.

O quarto suspiro – a política do existir – nos mostra que ensinar-aprender é, também, resistir e subverter. Corpopoesia escancara isso ao afirmar os corpos sapatão como territórios de insurgência e criação. Não há neutralidade quando o próprio existir é um ato político. O dispositivo pedagógico da obra aqui é também um chamamento: educadoras, que saberes têm sido negados, silenciados e aniquilados porque não cabem no modelo do regime heterossexual apontado por Wittig (2022)? Corpopoesia convida a existir a partir da fúria ao colocar no centro quem sempre foi borda.

O quinto suspiro – ensinar-aprender como organização coletiva –, chama para estar juntas/os, em presença questionadora. Não entregando respostas, mas sim gotas, delírios necessários, devaneios poéticoseróticos, portas escancaradas, pistas e criações de narrativas outras. A obra nos diz que a escrita é tentativa louca de continuar existindo. E nessa intensidade, reside a potência pedagógica. A obra é um grande convido provocativo a docentes, pesquisadoras, artistas..., a delirar juntas outras formas de formar, ensinar-aprender: vamos ensinar-aprender a partir da instabilidade, celebrando as diferenças, abraçando as incertezas e se organizando coletiva-politicamente.

Vamos ao encontro de Adrienne Rich (2019), com sua crítica à heterossexualidade compulsória, afirmando que existe outras formas de ser, sentir e existir. E Corpopoesia



escancara a necessidade de práticas educativas que não apenas reconheçam, mas celebrem a diversidade de corpos, afetos e desejos. A sala de aula torna-se então espaçotempo de gozo e de gesto afetivo-estético-político, onde o ensinoaprendizagem é um movimento radical de acolhimento das subjetividades insurgentes e criação.

Neste balanço gostoso entre arte, ciência, educação, docência, militância e invenção, Corpopoesia atua como um dispositivo pedagógico afetivo-estético-político potente-pulsante para a formação acadêmica e afetiva, ampliando repertórios e desafiando silêncios, a partir, também, dos saberes produzidos nos movimentos sociais. Não há aqui neutralidade possível: escrever, ensinar-aprender, desejar, poetizarerotizar e pesquisar – tudo se enlaça, tudo se contamina com as linguagens artísticas. Afinal, o saber também pode gozar.

SEM PEDIR LICENÇA, GOZAR SABERES

Corpopoesia não termina, escorre. Goteja das páginas como suor em corpo quente, se pendura nos espelhos estilhaçados da linguagem, se aconchega entre pernas-palavras que não cabem nos moldes da ciência. Não entregamos aqui uma resposta, mas um convite: gozar saberes sem pedir licença, revirar a educação com desejo, desorganizar a formação com poesia, habitar o ensino-aprendizagem com os cheiros, os gritos, as pausas e os sussurros dos corpos sapatão.

Este texto se ofereceu como travessia. Um suspiro coletivo em direção a outras formas de ensinar-aprender, onde o erótico – como nos lembrou Audre Lorde (2019) – é saber profundo, político, criador. Um saber que pulsa entre as margens, entre os afetos e entre as dores. Um saber que desafia as certezas da academia com a força de quem ousa viver intensamente e amar radicalmente.

Com Wittig (2022), a obra se recusa às categorias disciplinadas: aqui, gênero, ciência, método e estética são corpos em disputa, em delírio, em invenção. A escrita, como dissemos, é uma tentativa louca de continuar existindo – um corpo em tropeços, criando brechas nas fronteiras do possível, projetando devires nas entrelinhas. Não estamos diante de um livro apenas: estamos frente a uma performance insubmissa da existência.

Anzaldúa (2021) dança com a gente nas bordas, nos entre-lugares, nos rasgos abertos por uma pedagogia que se nega a seguir linha reta. Corpopoesia ensina-aprende com intensidade. Ensinar-aprender, aqui, é gesto coletivo, é organização afetiva, é revolta poética



que pede: vamos criar uma sala de aula onde o desejo não seja interdito, mas celebrado como saber potente.

E, como nos soprou Adrienne Rich (2019), viver contra a heterossexualidade compulsória é também educar de outra forma: uma docência que se faz com tesão, uma formação que não higieniza o afeto, um saber que não se separa do gozo. Corpopoesia inquieta os estudos de gênero, sexualidade e práticas educativas porque se atreve a ser – ao mesmo tempo – política, afetiva, horizontal e estética. Que assim sigamos: escrevendo-nos como quem geme saberes.

Nesse balanço gostoso, compreendemos que “Corpopoesia” atua como um dispositivo pedagógico ao fomentar as experiências e resistências inventivas sapatão, desafiando normatividades e convocando um ensinoaprendizagem que valoriza e reconheça as subjetividades insurgentes. No trânsito, entre literatura, educação e diversidade, a obra sugere novas possibilidades teóricas-metodológicas-epistemológicas na formação docente para/com/na diferença, refirmando o corpo sapatão como território de resistência in(ter)ventiva insubmissa, inquietando, assim, os estudos de gênero, sexualidade e práticas educativas, que convida a ser ao mesmo tempo político, afetivo, horizontal e estético.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2021.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. *In*: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte, UFMG, 2014.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Tradução de Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha Eidtora, 2019.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

SOUSA, Maria Lizandra Mendes de; SILVA, Zuleide Paiva da. Entre provocações, desejos do dever: cenas autoficcionais ataçadas em um corpo sapatão poeta feminista. **Anais do VII Seminário de Formação em Exercício de Professores**. Salvador: FAGED/UFBA, 2024. Disponível em: <https://www.semefp.ufba.br/>. Acesso em 22 abril 2025.